

MEMÓRIAS DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

CLASSE DE LETRAS

Um relato do século XVI dos ritos de iniciação da Feitoria
alemã de Bergen

BERNARDO JEROSCH HEROLD



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

LISBOA • 2024

Título: Um relato do século XVI dos ritos de iniciação da Feitoria alemã de Bergen

Edição: Academia das Ciências de Lisboa

Data de edição: 2024

DOI: <https://doi.org/10.58164/ya75-y375>

Um relato do século XVI dos ritos de iniciação da feitoria alemã de Bergen

BERNARDO JEROSCH HEROLD

INTRODUÇÃO

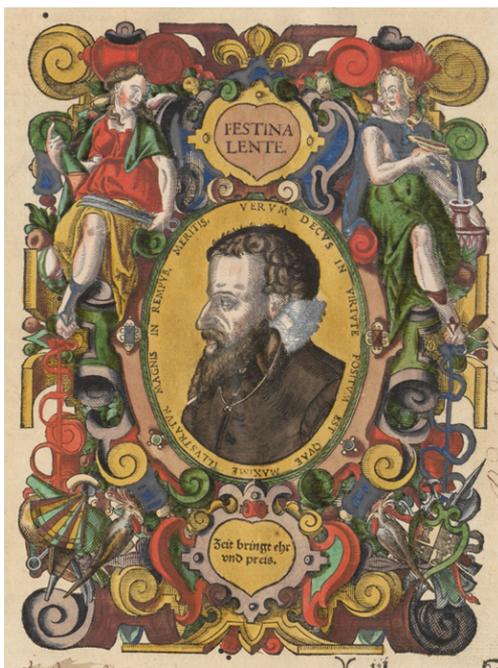


Fig. 1. Leonhardt Thurneysser zum Thurn (1531-1596).¹ Cortesia Staatsbibliothek zu Berlin.

Leonhardt Thurneysser zum Thurn (1531–1596) natural de Basileia foi um curandeiro, botânico, alquimista, astrólogo e impressor célebre na sua época². A sua fama não se baseava apenas em alegadas curas milagrosas, mas também nos numerosos livros que publicou a partir de 1569 sobre astrologia, alquimia e medicina. Foi nomeado em 1571 físico pessoal do príncipe eleitor do

¹ Retrato em Thurneysser, 1578.

² Moehsen, 1783, Spitzer, 1996, Schumacher, 2011, Moran, 2022.

Brandenburgo. Era uma figura bastante controversa, mesmo na própria época em que viveu. Para muitos era um notabilíssimo sábio em história natural e medicina, embora por alguns outros tenha chegado a ser acusado de ser um mero impostor e charlatão. Não cabe aqui uma análise profunda da sua biografia, que é tão multifacetada e complexa que é impossível resumi-la em poucos parágrafos. Considerava-se um adepto das doutrinas de Paracelso, partilhando com este o seu desprezo pela medicina ensinada nas universidades, e a convicção de que a melhor maneira de alargar os seus conhecimentos era viajando e observando a natureza. Entre as suas numerosas viagens figura uma a Portugal em 1555/56 e possivelmente uma segunda em 1561 ou 1562. Na primeira das mesmas afirma ter estado hospedado em casa de Damião de Góis (1502–1574, Fig. 2) e aí ter iniciado a escrita dum extenso texto, que nunca publicou. O manuscrito de mais de 300 páginas, guardado na Biblioteca de Estado de Berlim, apenas recentemente começou a ser estudado por historiadores da ciência.

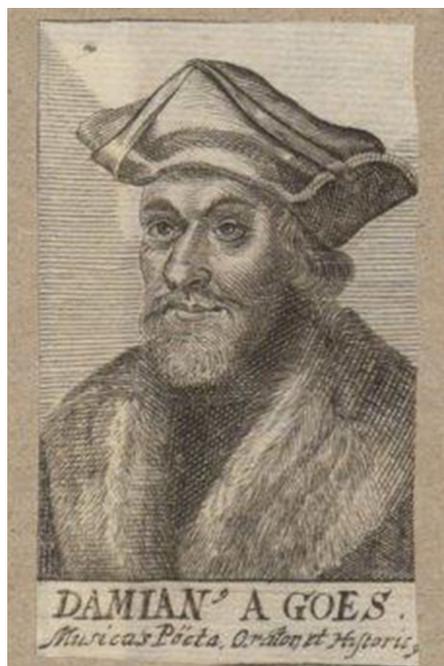


Fig. 2. Damião de Góis (1502–1574). Cortesia Staatsbibliothek zu Berlin.

Este contém uma espécie de história natural de Portugal³ com a descrição meticolosa de muitas dezenas de plantas⁴ e pequenos animais terrestres e

³ Herold *et al.*, 2019, Herold, 2023.

⁴ Herold & Cabral, 2023a.

aquáticos⁵, mas no manuscrito, que levou consigo no seu regresso à Alemanha, em 1556, também figura uma descrição dos corpos dos negros que observou em Lisboa⁶ e, ainda mais surpreendentemente, um texto, que nada tem a ver com Portugal, mas que Thurneysser deve ter recolhido em Lisboa. Trata-se dum relato sobre os ritos de iniciação dos jovens alemães que pretendiam ingressar na feitoria hanseática da cidade portuária de Bergen na Noruega (Fig. 3)⁷.

A FEITORIA HANSEÁTICA DE BERGEN

A Liga hanseática era uma federação medieval de guildas de mercadores de cidades portuárias do Norte e Centro da Europa, tendo como membro de influência preponderante a cidade de Lubeca. Além das cidades, na maioria alemãs, que eram membros plenários da liga, esta também mantinha feitorias (Kontore) em territórios estrangeiros, a mais importante das quais era a de Bergen⁸ na Noruega (Fig. 3).

As origens da feitoria de Bergen remontam ao século XIII. Teve um papel muito importante como entreposto do comércio marítimo na idade média entre o Norte da Noruega e os portos vendidos da costa meridional do mar Báltico com Lubeca à cabeça e portos do Mar do Norte, como Hamburgo e Brema, incluindo as feitorias hanseáticas na Holanda e Inglaterra. Na orla marítima e nas ilhas da Noruega a Norte de Bergen, devido ao clima frio, só era possível uma agricultura muito pobre de centeio e alguma pecuária praticada por uma população pouco densa de pescadores e camponeses. A sua grande riqueza era, porém, a pesca sobretudo do bacalhau. Em troca de peixe seco⁹, óleos de peixe¹⁰, e peles de animais como a rena, raposa, arminho e fuinho, os noruegueses estavam muito interessados na compra de mercadorias importadas pelos navios hanseáticos como seja trigo, cerveja, malte, sal, vinho, armas, ferramentas, têxteis ingleses e calçado. Devido aos privilégios concedidos à feitoria pela coroa da Dinamarca e da Noruega, os pescadores e camponeses do Norte eram obrigados a exporem na Fortaleza de Bergen (Figs. 3 e 4) todos os seus produtos, trazidos nas suas pequenas embarcações de navegação

⁵ Herold & Cabral, 2023b.

⁶ Herold, 2017.

⁷ Herold *et al.* 2019, Herold, 2022.

⁸ Optou-se por traduzir Kontor por feitoria. Havia, no entanto delegações menores que se designavam por Faktorei. Schubert 2002, Wubs-Mrozewicz 2008, Burkhardt 2009, Nedkvitne 2013, 2014.

⁹ Peixes de várias espécies, sobretudo bacalhau, secados ao ar sem salgamento.

¹⁰ Incluindo óleo de fígado de bacalhau.

costeira. Aí podiam ser comprados pelos mercadores da feitoria hanseática. O comércio direto entre os pescadores e camponeses a norte de Bergen com clientes a sul de Bergen estava proibido. Essa proibição era imposta pela poderosa armada da Liga Hanseática. A Fortaleza de Bergen, era controlada por um governador real norueguês com a sua guarnição militar.

Os mercadores mais importantes da feitoria pertenciam ao pequeno grupo dos que tinham autorização de residir em Bergen durante o inverno (Wintersitzer) numa das casas de madeira geminadas numa longa fila ao longo do cais de Bryggen (Figs. 3 e 5).



Fig. 3. Porto de Bergen, recorte duma gravura de Johan Dreier de 1816. © Norsk Folkemuseum. À direita: fila de casas geminadas em madeira do cais chamado Bryggen (reconstruções de 1702 das casas medievais devastadas por um incêndio). O primeiro andar servia para habitação dos mercadores e o rés-do-chão e andares superiores eram armazéns. No fundo vê-se a torre principal da fortaleza chamada Bergenhus. Ao longo do cais vêem-se as pequenas embarcações dos pescadores e ao largo à esquerda duas naus das que asseguravam o transporte das mercadorias entre Bergen e os portos do Mar do Norte e do Báltico.

Os mercadores hanseáticos examinavam o peixe seco exposto na bolsa do peixe seco e peles que funcionava na fortaleza e ofereciam um valor para a compra de cada lote. Os pescadores e camponeses pelo seu lado adquiriam por troca

produtos trazidos pelos mercadores hanseáticos em navios de longo curso fundeados ou acostados no porto de Bergen. Nestas transações não havia pagamentos com dinheiro. Em lugar destes havia um sistema de créditos que envolvia um sistema de contabilidade relativamente complexo gerido pelos mercadores hanseáticos, que exigia um considerável grau de profissionalismo das suas equipas.



Fig. 4. Aspeto atual da Fortaleza Bergenhus na cidade de Bergen. (As edificações medievais estão iluminadas com projetores de luz amarela).



Fig. 5. Aspeto atual do Cais de Bryggen na cidade de Bergen. (Reconstrução datada de 1702 das casas medievais devastadas nessa altura por um incêndio).

A sazonalidade da pesca e a duração da secagem e triagem do bacalhau, por um lado, e as condicionantes meteorológicas da navegação dos grandes veleiros hanseáticos, por outro lado, impossibilitava a sincronização das exportações dos produtos da pesca com as importações de bens oriundos da Alemanha. Daí a vantagem de armazenar na Fortaleza de Bergen os produtos destinados à exportação. Aí ficavam sob a vigilância do poder real norueguês às ordens dos seus proprietários. As trocas dos produtos do Norte pelos bens importados pelos mercadores hanseáticos eram negociadas nas casas dos mesmos. O facto de se usar um sistema de créditos nas transações em lugar de dinheiro, facilitava o seu

deferimento que convinha a ambas as partes devido à sazonalidade da pesca e da segurança da navegação de longo curso dos grandes veleiros hanseáticos¹¹. Estes não se aventuravam ao longo da costa norueguesa a norte de Bergen. Dessa costa, não havia no século XVI cartas geográficas, quando da costa americana nas mesmas latitudes já havia cartas bastante fiáveis.

Os mercadores hanseáticos residiam na fila de casas de madeira geminadas (Fig. 3 e 5) estavam proibidos de usarem fogões por causa do risco de incêndio. Só na segunda fila havia um número limitado de casas comunitárias com fornos e chaminés que serviam de refeitórios e espaços de reunião. O extremo rigor do inverno tornava assim a estadia muito penosa. Só os Mercadores mais importantes é que estavam autorizados pelas suas cidades de origem a permanecerem em Bergen durante o inverno (*Wintersitzer*), autorização que não permitia a coabitação com uma família. Assim, aos membros da feitoria e aos seus colaboradores era imposto o celibato. Assim, os residentes da feitoria eram exclusivamente homens alemães. A ausência de mulheres tinha como consequência uma grande rudeza nos costumes. Havia uma segregação muito rigorosa da população norueguesa de Bergen. O ingresso na feitoria dum jovem tinha como benefício uma formação profissional muito invejável. A familiarização com o sistema de créditos nas transações envolvia a aprendizagem dum sistema complexo de registo contabilístico, uma competência profissional muito útil, que abria as portas a uma carreira profissional muito promissora. Na Alemanha, efetivamente, um estágio dum jovem aspirante na feitoria de Bergen, a maior e mais importante feitoria hanseática no estrangeiro, era visto como uma garantia de ingresso numa carreira de mercador, com perspectivas de vir a ganhar grande fortuna. Por isso, os candidatos aceitavam sujeitar-se a ritos de iniciação que eram autênticas torturas. Estes punham à prova a coragem e a estoicidade dos candidatos. A humilhação envolvida inculcava-lhes um espírito de obediência necessário ao cumprimento dum conjunto de regras internas da feitoria, bem como padrões éticos muito exigentes. Como os Membros da feitoria temiam a perda do seu poderio pelo ingresso de demasiados candidatos, sobretudo se estes eram descendentes de mercadores seus concorrentes, viam com bons olhos um processo de seleção do qual faziam parte estes ritos de iniciação.

¹¹ Nedkvitne, 2013, p. 170.

DESCRIÇÃO DAS PRAXES

Os ritos de iniciação eram celebrados no início da primavera e integravam-se em festividades de caráter carnavalesco, constituindo um espetáculo com cortesjos de mascarados com aspetos humorísticos e coreográficos que atraíam muitos forasteiros.¹² Como exemplo, pode-se citar o facto registado documentalmente do Rei Cristiano IV da Dinamarca e da Noruega ter assistido, em 1599, “com muito agrado” às celebrações festivas destes ritos¹³.

No entanto, havia uma realidade que era mais ou menos silenciada. Muitas vezes havia abusos nestes ritos de iniciação, que se procuravam ocultar a estranhos como por exemplo ao afogar o som dos gritos das suas vítimas na música barulhenta dum a orquestra. O relato que se encontra no manuscrito de Thurneysser evidencia sem rodeios os aspetos nojentos e a crueldade extrema das sevícias e de certos abusos dum a forma muito crua e realista numa linguagem que não omite palavrões. A existência destes abusos deu muitas vezes origem a queixas das vítimas ou dos seus parentes às autoridades hanseáticas. Algumas das queixas foram discutidas nas dietas anuais da liga hanseática¹⁴.

Assim, por exemplo, consta da ata da dieta de 1552 que “... os mensageiros, no seguimento da resolução da dieta de 1549 devem chamar a atenção da feitoria de Bergen para os ‘entretenimentos’ abusivos em que os recém-chegados à feitoria às vezes são torturados até à morte; tais [praxes] têm de ser proibidas, sob pena de ser retirada [à feitoria] a liberdade hanseática.”¹⁵ A proibição não levou, no entanto, à cessação destas praxes. Com efeito, ainda no ano de 1591, uma ata em que se determina que as praxes têm de ser abolidas e a feitoria ser forçada a obedecer diz: “As justificações do jogo pagão e anticristão da sova alegadas pelo representante da feitoria de Bergen são inaceitáveis. As razões [apresentadas] para se permitir que se mantenham em vigor estas tão abjetas praxes são tão pouco convincentes e magras, que é de suspeitar que sejam motivadas pelo seu proveito próprio e privado [dos membros da feitoria] de manter outros

¹² Sørli, 1957, refere um estudo de N. Nicolaysen publicado em 1858 sobre uma coleção de manuscritos de autores anónimos em norueguês antigo *Bergens Fundas*, datado de cerca de 1560 sobre a história de Bergen, em que os ritos de iniciação da feitoria alemã de Bergen também vêem relatados. O manuscrito de Thurneysser de 1555 agora redescoberto é a única outra fonte sobre estes ritos que se conhece.

¹³ Harttung, 1877, Krause, 1880/81.

¹⁴ Kölner Inventar, 1540, 1552.

¹⁵ Das chamadas liberdades hanseáticas a mais importante era a participação num mercado comum das cidades-membros da Liga Hanseática e das suas feitorias com circulação privilegiada de mercadorias.

afastados [da mesma], impedindo-os assim de virem a gozar dos mesmos privilégios que eles". "Nós, da nossa parte, não podemos realmente consentir que, pessoas ajuizadas e cristãs possam responsabilizar-se honradamente por algo que não consta que exista nos Turcos, Tártaros e Moscovitas para prejudicar os negócios de pessoas [comuns] e mercados livres."

Também está documentada uma queixa do letrado Henricus Husanus [Heinrich Haussen] (1536–1567) a propósito da qual foi afirmado *"muitos filhos de mães devotas e honestas que não suportaram tais martírios foram torturados até à morte. Depois de se sujeitarem ao jogo do fumeiro uns ou outros foram afogados no mar, morreram de hemorragias ou pereceram de outro modo, e tudo por causa do vil [Deus] Mamona."* A respeito de Husanus relata que *"os pais teriam desejado que se tornasse um mercador rico e por isso o enviaram a Bergen, onde se sujeitou como todos os outros aos jogos da praxe. Depois de sobreviver o primeiro, enviou à mãe a sua camisa ensanguentada para demonstrar o que lhe fizeram, suplicando-lhe licença para voltar a casa e prometendo-lhe que se comportaria no futuro de modo devoto e aplicado. Aconteceu como desejou e foi autorizado a dedicar-se aos estudos, tornando-se um reputado homem da Ciência."* Também se conhecem outros casos alegadamente mesmo piores como, por exemplo, o dum cidadão hanseático que se queixou ao conselho de Lubeca, o que levou a um agravamento das penas pela desobediência à proibição das praxes. Isto não impediu que as praxes continuassem por muitos anos¹⁶.

Thurneysser, ao descrever a crueldade dos ritos de iniciação, interpretou-os como uma estratégia de afugentar os candidatos para os excluir da hipótese de virem a gozar dos mesmos privilégios que os membros da feitoria:

"[E é] com tais lamentáveis ludis e folguedos que recebem aqueles que a eles suplicarem serem incluídos na sua comunidade ou companhia. E o mesmo acontece sobretudo pela razão de não deixar aumentar muito o seu número e se tornem demasiados. Por isso metem-lhes medo com esta séria e inaudita disciplina, através da qual afastam muitos."

Estes ritos já tinham sido descritos noutros documentos, mas em nenhum deles são descritos com tantos pormenores tão repugnantes e horripilantes. Thurneysser não menciona as outras provas que outros relatos citam, segundo os quais havia cinco provas para quem quisesse ingressar como artífice e sete provas para quem quisesse seguir para o comércio. Naquilo que se pode traduzir como "jogo

¹⁶ Harttung, 1877, Krause, 1880/81.

do fumeiro” (Rauchspiel), o candidato era pendurado pelos pés numa chaminé cheia dos fumos da combustão de cadáveres apodrecidos de animais. Depois, o candidato era banhado completamente nu em excrementos humanos e “barbeado” com uma lâmina de serra na cara besuntada com fezes em vez de espuma. No final era flagelado até sangrar e deitado ao mar gelado¹⁷.

HIPÓTESES SOBRE O ITINERÁRIO DA HISTÓRIA DAS PRAXES ATÉ LISBOA

Para a questão intrigante de como é que esta narração das praxes veio parar às mãos de Thurneysser em Lisboa, não é possível dar uma resposta certa, devido à falta de documentação. No entanto, é possível formular algumas hipóteses nenhuma delas completamente inverosímil¹⁸.

Antes de analisar esta questão, convém refletir sobre quem na Alemanha podia ter estado interessado em patrocinar a viagem de Thurneysser a Lisboa para visitar Damião de Góis e qual o itinerário e o meio de transporte que teria usado. Há duas circunstâncias que nos podem dar pistas. Em vários capítulos, particularmente naquele em que Thurneysser se refere a peixes e outros animais marinhos há passagens que só podiam interessar a leitores de Danzig. Damião de Góis, nas suas extensas viagens pela Europa como diplomata e na sua correspondência com humanistas de vários países teve muitos contactos com personalidades das cidades hanseáticas e de países escandinavos. Em particular houve várias ocasiões em que interveio ao governo em defesa dos interesses comerciais de Danzig e de outras cidades hanseáticas. Dada essa circunstância e a generosa hospitalidade que Damião de Góis oferecia a estrangeiros que residiam ou passavam por Lisboa¹⁹ é possível, até natural, que também tenha recebido em sua casa o enviado de Danzig Heinrich Giese²⁰, membro da poderosa família de mercadores, conselheiros e diplomatas de Danzig com esse apelido (Fig. 6)²¹, que se deslocou a Lisboa em 1555.

¹⁷ Além das praxes descritas por Thurneysser, havia outras mencionadas noutras fontes Sørli *Bergens Fundas*, 1957, Harttung, 1877, pp. 89-143, Krause, 1880/81, pp. 109-122, Wubs-Mrozevicz, 2008, pp. 133-134, Nedkvitne, 2014, p. 351.

¹⁸ Herold, 2022, Herold & Cabral, 2023a e 2023b.

¹⁹ A frequência com que recebia visitas de estrangeiros foi considerado um facto grave no processo que lhe foi movido pela inquisição. Ele próprio forneceu ao tribunal uma lista com os nomes de alguns dos seus convidados habituais, entre eles o representante da cidade de Danzig, Hans e Pelke (Hirsch, 1967).

²⁰ Também é a opinião de Hirsch, 1987, p. 258.

²¹ Heinrich Giese, segundo Wubs-Mrozevicz, 2019, p. 405, era parente próximo de Georg Giese (1497–1562).



Fig. 6 Georg Giese (1497–1562). Mercador hanseático, responsável da feitoria (Hansekontor) de Stalhof em Londres. Parente (pai ou tio?) de Heinrich Giese. Pintura de Hans Holbein, o Jovem. Gemäldegalerie Berlin.

O Senado de Danzig tinha-se vindo a queixar amargamente do valor excessivo dos direitos portugueses de exportação das especiarias oriundas da África e da Ásia. Nesse contexto, Heinrich Giese foi encarregue de submeter a D. João III, em 1555, uma petição da redução dos valores desses direitos²². Sendo esse o mesmo ano em que Thurneysser iniciou a sua estada em casa de Damião de Góis, é natural que ali se tenha cruzado com Heinrich Giese. A casa de Damião de Góis, viria também a ser frequentada por Hans Pelke, o agente em Lisboa da cidade de Danzig, de acordo com o que o próprio Damião de Góis declarou no tribunal da inquisição, que o suspeitara de heresia. Assim, é natural que Thurneysser tenha conhecido Giese em casa de Damião de Góis e que este tenha transmitido a Thurneysser a história das praxes. Mesmo não havendo provas para esta hipótese, pode ter sido que outra pessoa tenha servido como veículo de transmissão da história, uma vez que o porto de Lisboa era demandado naquela época por muitas visitas de navios oriundos da Europa além dos Pirenéus e também por

²² Marques, 1959, p. 16, Hirsch, 1987, p. 258.

haver muitos residentes alemães em Lisboa com eventuais ligações a cidades da Liga Hanseática.²³

RITOS DE INICIAÇÃO COMO FENÓMENO SOCIAL

É bem conhecida a existência de ritos de iniciação desde tempos imemoriais até ao presente nas mais diversas culturas. Nas culturas ocidentais são exemplos relevantes no ingresso em guildas profissionais ou em academias, em qualquer caso se trata duma possibilidade de acesso a uma elite social. As tentativas de repressão de praxes abusivas também parecem ser um fenómeno recorrente e um problema que muitas vezes não se conseguiu resolver. Existem inúmeros estudos dos quais se salientam aqui apenas dois, um referente a Portugal²⁴ e outro aos Estados Unidos²⁵. Tal como as proibições pelas dietas hanseáticas no século XVI não terem resultado na sua abolição, as autoridades académicas no presente também se debatem com esses problemas, como atestam relatos e estudos recentes promovidos por autoridades académicas aquém e além do Atlântico.

COMUNICAÇÃO APRESENTADA À CLASSE DE LETRAS
NA SESSÃO DE 14 DE MARÇO DE 2024

COMUNICAÇÃO RECEBIDA A 17 DE MARÇO DE 2024

TEXTO ORIGINAL

O texto que aqui se reproduz é a tradução portuguesa²⁶ baseada na transcrição²⁷ do manuscrito de Thurneysser (Fig. 7).

²³ Na gíria da época os alemães, particularmente do Norte, eram designados por “estralins”, um nome de origem inglesa, derivado de “easterlings”, que era como chamavam aos povos que habitavam a Europa a leste das ilhas britânicas. “Easterling” também deu origem à palavra “sterling” em “pound sterling”, para designar uma moeda que podia ser usada nos países a leste das ilhas britânicas.

²⁴ Sebastião, 2017.

²⁵ Cimino & Thomas, 2022 e referências citadas.

²⁶ Herold, 2023.

²⁷ Herold *et al.*, 2019.

III

RITVS DEPOSITIONIS

MERCATORUM NORVEGIAE.

DE COMO OS MERCADORES E COMERCIANTES DE BERGEN
SÃO INICIADOS E INSPECIONADOS.

O castelo mais fortificado e poderoso de toda a Noruega tem o nome de Bergen e está situado e pertence ao domínio do rei da Dinamarca. Neste e sob o mesmo, os mercadores e comerciantes de todo o reino e terras circundantes, também da *Lappia* e *Pilappia*, quer encontrados ou situados perto, quer longe, mesmo dos locais onde a terra não dá nem frutos, nem nada e em que a noite e o dia se prolongam durante toda a metade de um ano trazem os seus produtos e mercadorias, e isto em cada dois anos ao menos uma vez ou sempre no ano seguinte. E então comutam ou trocam a sua mercadoria de muita forragem ou peles, por fruta, trigo e madeira de que necessitam no máximo durante dois anos, que levam consigo de volta. E os mesmos negociantes e mercadores não precisam de levar a sua mercadoria mais longe do que este castelo e do mesmo modo, os povos circundantes não precisam de levar as suas mercadorias mais longe, devendo levá-las somente a este castelo, também não lhes sendo permitindo vender noutro. Poderiam, porém, reunir-se e efetuar as compras nos mesmos albergues e casas. Pois, em primeiro lugar e antes de mais nada, têm de oferecer tudo o que trazem para negociar aos comerciantes e mercadores do mesmo local, deixando-os expor ou comprar, sendo estes num certo.

Fol. 131 v (270):

mas pequeno número. Por causa da rigorosa e honrosa disciplina que respeitam para si e entre si, desde que queiram obedecer à sua companhia e serem admitidos na mesma, tratam-nos tão desumanamente e escarnificam, torturam e martirizam-nos violentamente de forma a repugnar a outros, para que não venha a haver demasiados no seu sítio. Porque os sujeitam a um processo para a sua *deposition* e *inauguration*, isto é inclusão na sua companhia ou mesteiral de tal forma medonho e perigoso, que tem havido muitos que, não tendo uma constituição ou complexão muito forte, tenham morrido ou perdido a vida durante o *actu[s]*.

Pois quando alguém pretende o *gradum* desta ordem, isto é, quando quer ser incluído na sua companhia e cooptado, então penduram-no.

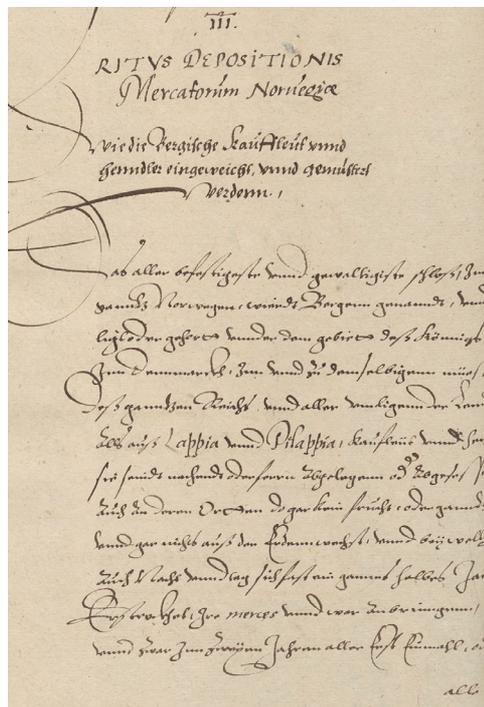


Fig. 7. Primeira página do Capítulo *Ritus Depositionis Mercatorum Noruegice*.

Fol. 132 r (271):

primeiro pelos pés no alto de uma chaminé ou fumeiro e deixam-no assim durante várias horas, até ficar quase sufocado pelo vapor ou fumo que preparam e fazem queimando no fogo cadáveres de tudo o que seja animais mortos, apodrecidos, e fedorentos, como sejam cães, gatos e de tudo o que arde, e ele ficar a cheirar como se fosse carne apodrecida e mais parecido com um mouro preto do que um norueguês branco.

E depois de executado este primeiro *actus*, então tiram este corpo preto e fedorento do fumeiro e enfeitam, lavam e esfregam o mesmo num banho imundo, esterco e fedorento para o qual há um mês andaram a apanhar nas

Fol. 132 v (272):

poças e estrumeiras fedorentas, águas imundas e mal-cheirosas, no qual [banho], para que [este] fique com um cheiro mais horrível e nojento e fique mais imundo, (para falar com licença e reverência) se peidam e cagam todos os dias, de maneira que se vicie e apodreça completamente e feda o pior possível. A partir da mesma balbúrdia, imundice e fezes ou fedor preparam uma lixívia e banho e mergulham-no no mesmo e lavam-lhe a sua cabeça e besuntam-lhe a cara toda com o mesmo e manejam-no tal como lavam, tratam e procedem os tosquiadores e barbeiros com as pessoas. Mas utilizam nessa *tonsura* e tosquia instrumentos e meios bem curiosos e invulgares, e sobretudo penteiam-lhe a barba muito impiedosamente com rabos crus cheios de picos e dentes, tão lamentavelmente que fica ensanguentado em toda a cara.

A seguir deitam-no de novo no banho antes referido

Fol. 133 r (273):

e lavam-no de novo.

Depois despem-no completamente nu e atam-lhe as mãos e os pés e flagelam-no a seguir com vergas e chicotes tão impiedosa e lamentavelmente que não há nem lhe fica nenhum sítio ileso ou inteiro em todo o corpo, ficando todo ferido e ensanguentado.

Mas enquanto procedem com ele desta maneira, ao seu lado há variadas músicas e festins, tal como é costume deles, como sejam tímpanos, címbalos, trombetas e similares *instrumentis musicis* barulhentos, para que não sejam nem possam ser ouvidos os gritos, choros, uivos e lamentos do candidato e que alguém que tivesse dele dó abreviasse ou impedisse o processo. Com tais lamentáveis *ludis* e folguedos recebem aqueles que a eles suplicarem serem incluídos na sua comunidade ou companhia. E o mesmo acontece.

Fol. 122 v (274):

sobretudo pela razão de não deixar aumentar muito o seu número e se tornem demasiados. Por isso metem-lhes medo com esta séria e inaudita *disciplina*, através da qual afastam muitos. Também, não prolongam demasiado cada *actus*, mas dividem-no por vários dias. Com isso evitam que [o candidato] não morra ou pereça de tanta dor e martírio.

Bibliografia

- Burkhardt, M., *Der hansische Bergenhandel im Spätmittelalter. Handel – Kaufleute – Netzwerke*. Köln, Weimar, Wien, 2009.
- Cimino, A., Thomas, B., Does hazing actually increase group solidarity? Re-examining a classic theory with a modern fraternity, *Evolution and Human Behaviour*, 43/5, 2017, pp. 408-417.
<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1090513822000423?dgcid=author>
- Danziger Inventar, 1556, [abril 3] pp. 213; 1557 antes de agosto. 8, pg. 232.
- Danziger Inventar, 1591 [maio], p. 972.
- Hartung, J., Die Spiele der Deutschen in Bergen, *Hansische Geschichtsblätter* 7, 1877, pp. 89-143.
- Herold, J. H., The Diary of the Swiss Leonhard Thurneysser and Black Africans in Renaissance Lisbon, *Renaissance Studies*. 32(3), 2017, pp. 463-488.
<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/rest.12332> (consultado a 1.04.2021).
- Herold, J. H., *O Diário do Suíço Leonhard Thurneysser e os Africanos na Lisboa Renascentista*. Comunicação proferida na sessão conjunta de ambas as classes da Academia das Ciências de Lisboa a 3 de maio de 2018. <http://hdl.handle.net/10400.26/45798>
- Herold, J. H., Eine seit langem vergessene Beschreibung der berühmten Bergener “Spiele” in einer Handschrift des 16. Jahrhunderts, *Hansische Geschichtsblätter*, 140, 2022, pp. 159-177.
- Herold, B. J., *A História Natural de Portugal de Leonhard Thurneysser zum Thurn ca. 1555–1556 e 1562. Tradução portuguesa*, Academia das Ciências de Lisboa, 2023. <http://hdl.handle.net/10400.26/46127>
- Horst, T. & Leitão, H., *A “História natural de Portugal” de Leonhardt Thurneysser zum Thurn, ca. 1555–1556*. *Ágora. Estudos Clássicos em Debate*, 19, 2017, pp. 305-334.
<https://proa.ua.pt/index.php/agora/article/view/256>
- Herold, B., Horst, T & Leitão, H., *A “História Natural de Portugal” de Leonhard Thurneysser zum Thurn, ca. 1555-1556*, Academia das Ciências de Lisboa, tendo como anexo a transcrição das partes relativas a Portugal do manuscrito atribuído a Leonhard Thurneysser zum Thurn Ms. Germ. Fol. 97 da *Staatsbibliothek zu Berlin*, 2019. <http://hdl.handle.net/10400.26/45218>
- Herold, B. J. & Cabral, J.P. S., Observations on Portuguese natural history by Leonhard Thurneysser zum Thurn (1531–1596), including the dyes derived from *Kermes vermilio* and *Dracaena draco*, *Archives of Natural History*, 2023a. 50.1, 2023, 133-148.
- Herold, B. J. & Cabral, J.P. S., *CabAquatilia* of Portugal in 1555–1556 according to Leonhardt Thurneysser zum Thurn, in Paul Smith und Florike Egmond (*Towards a Cultural History of Early Modern Ichthyology (1500–1800)*), Leiden, 2023b.
- Hirsch, E. F., *Damião de Gois: The Life and Thought of a Portuguese Humanist*, Den Haag 1967. (Tradução Portuguesa), *Damião de Góis*, Lisboa, 1987.
- Horst, T., A Rediscovered Manuscript about Portuguese Plants and Animals: Preliminary Observations. In Thomas Horst, Marília dos Santos L. opes, Henrique Leitão (ordenadores) *Renaissance Craftsmen and Humanistic Scholars. Circulation of Knowledge between Portugal and Germany* (Estudos em Ciências Culturais –

- Studies in Cultural Sciences – Kulturwissenschaftliche Studien 10). Frankfurt/Main 2017, pp. 133-174.
- Kölner Inventar, Vol. I, 1540 junho 18, p. 328; 1540 julho 4, p. 339; 1545, agosto 29, p. 25; 1552 outubro 26, p. 352.
- Krause K.E.H., Zu den Bergen'schen Spielen, *Hansische Geschichtsblätter*, 1880/1, pp. 109-124.
- Marques, A. H. O., *Damião de Góis e os mercadores de Danzig*. Coimbra, 1959.
- Moehsen, J. C. W., Leben Leonhard Thurneissers zum Thurn *Beiträge zur Geschichte der Wissenschaften in der Mark Brandenburg ...*, pp. 1-16. Berlin and Leipzig, 1783.
- Moran, B.T.M., Medical Performance and the Alchemy of Plants in the Ventures of Leonhard Thurneisser zum Thurn, *Ambix*, 2022. DOI: [10.1080/00026980.2022.2042058](https://doi.org/10.1080/00026980.2022.2042058)
- Nedkvitne, A., *Das Bergener Kontor Im Mittelalter*, *Hansische Geschichtsblätter* 131, 2013, pp. 145-188.
- Nedkvitne, A., *The German Hansa and Bergen 1100-1600*. Köln, Weimar, Wien, 2014.
- Sørile, J. (coordenador), *Bergens Fundas*, Bergen, 1957. Original escrito cerca de 1560, primeiro republicado por N. Nicolaysen (coordenador) *Norske Magasin I*, Christiania, 1858
- Schubert, E., Novgorod, Brügge, Bergen und London, *Die Kontore der Hanse*, Göttingen, 2002.
- Schumacher, Y., *Leonhard Thurneysser, Arzt – Alchemist – Abenteurer*, Zürich, 2011.
- Sebastião et al. 2017 – [João Sebastião, João Teixeira Lopes, Elísio Estanque, João Mineiro, José Pedro Silva, Nuno Beato Alves] *A Praxe como fenómeno social. Relatório final*. Lisboa, 2017.
https://www.researchgate.net/publication/315460847_A_praxe_como_fenomeno_social_Relatorio_final#fullTextFileContent
- Spitzer, G., ... *und die Spree führt Gold: Leonhard Thurneysser zum Thurn, Astrologe – Alchemist – Arzt und Drucker im Berlin des 16. Jahrhunderts*, Wiesbaden, 1996.
- Wubs-Mrozewicz, J., *Traders, Ties and Tensions: The Interactions of Lübeckers, Overijsslers and Hollanders in Late Medieval Bergen*. Hilversum, Verloren, 2008.
- Thurneysser, L., *Historia und Beschreibung influentischer, elementischer und natürlicher Wirkungen aller heimischen und fremden Erdgewächse*, Berlin 1578.
- Wilson-Lee, E., *A History of Water*, London, 2022.
- Wubs-Mrozewicz, J., Maritime Networks and Premodern Conflict Management on Multiple Levels. The Example of Danzig and the Giese Family, in Erik Aerts, Laurence Fontaine, Giampiero Nigro (coordenadores) *Maritime Networks as a Factor in European Integration. Selection of Essays*, Florence, 2019, pp. 385-405.